



PEQUENA CASA DO ROSSILHÃO.

## CONSTRUÇÕES ANTIGAS E MODERNAS.

Percorrendo as províncias de França, e seguindo as numerosas estradas novas que substituíram os caminhos impraticáveis e atravessam as aldeias e povoações, nota-se por toda a parte uma immensidade de novas construcções, assimilhando-se todas ás commodas casas burguezas, entre as quaes se reconhecem as casas da camara, as escolas, os asylos, mosteiros de freiras, presbyterios, e finalmente as novas habitações dos rendeiros e mesmo dos simples aldeãos.

Quem se aproximar das diversas construcções que acabamos d'enumerar, vendo-as detalhadamente, estudando-as em suas differentes partes para comparal-as aos antigos casebres, as cabanas d'outr'ora, apenas fechadas, humidas e baixas, immundas e cheias de fumo, sem ar nem luz, apreciará sem duvida o desinvolvimento dos progressos obtidos.

Nas aldeias de França, como em toda a parte, a porção de bem estar material que sobejava aos habitantes dos campos, ha cincoenta annos, não parece bastar-lhe agora; e ha motivo de pensar que, em um futuro proximo, se mostrarão ainda mais difficeis de contentar. Os jovens camponezes julgam-se com direito a serem mais exigentes do que o foram seus paes: o que pareceu bom ao pae e á mãe, está muito longe de satisfazer o filho. O bem estar, a seus olhos, apenas começa. Este devera desinvolver-se sem cessar para satisfazer em parte aos novos desejos dos mancebos habitantes dos campos. Entretanto, no maior numero das províncias de Fran-

ça, as aldeias que tem escapado milagrosamente ao fogo não mostram aos olhos surpresos e tristes dos viajantes senão um uniforme aspecto de immundicie, miseria e antiguidade, que parece esperar que o incendio venha consumir as habitações, as quaes, ha longos annos, se descuidam de fazer qualquer reparação: os telhados estão quebrados, os muros rachados, as janelas destruidas, os moveis carunchosos; tudo enfim, n'estas miseraveis habitações, parece entregue ao abandono. Tapar os buracos e as fendas, tornar sadia a casa e seus accessorios, são coisas que parecem inteiramente superfluas. Vive-se antes na esperanza, do que no temor d'um desastre que dê facil logar a novas construcções. Este desleixo e negligencia culpaveis reconhecem-se principalmente a respeito das velhas choupanas que, até certo ponto, são, ou ao menos foram, mais commodas para habitar que as casas novas. Isto parecerá paradoxal, e entretanto nada é mais exacto. Eis por que: quando a casa, meio enterrada no solo, estava coberta d'um largo e espesso telhado, as intempéries das estações faziam-se sentir menos de roda da habitação, hoje mal protegida nas novas construcções pela pouca grossura dos muros e tectos.

No meio das altas e frias montanhas do Auvergne, dos Vosges e de Jura, os aldeãos montanhezes tem melhor sabido preservar-se do frio que os aldeãos da Picardia, da Turene e de Champagne.

É esta a distribuição secular das casas dos paes montanhosos: a habitação está assentada so-



bre um solo excessivamente inclinado e de maneira que os quartos baixos estejam enterrados do lado do norte. Nestas casas baixas existem as estrebarias, os redes e os curraes, e tambem um vasto reservatorio d'agua que, por isso mesmo, nunca gela durante o inverno, e é alimentado pelas neves derretidas. Em cima, isto é, no primeiro andar, cujas janellas são quasi invariavelmente voltadas para o meiodia, acham-se os quartos, dominados por um cirado. Ao norte, este e oeste, montes de madeira miuda são cuidadosamente dispostos ao longo dos muros e abrigados pelo tecto.

Nos valles superiores do Delphinado e dos Pyreneos, as mais pobres casas são cobertas d'ardosia; aqui a telha seria um luxo. A nossa terceira estampa pode dar uma idéa bastante exacta do todo das habitações isoladas dos valles. Muros baixos e muito grossos, esburacados por duas ou tres janellas allumiando o quarto contiguo ao curral, um recinto escuro para as provisões, e enfim um vasto palheiro, constituem quasi invariavelmente a morada dos montanhezes do Delphinado, dos Pyreneos e do Auvergne. A distribuição das casas edificadas nos valles inferiores é com pouca differença quasi a mesma.

Do Delphinado á Provença ha apenas uma linha de fronteira, e sem embargo nota-se uma differença bem sensivel no typo das construcções ruraes. Um quadro comparativo das casas do valle da Durance, entre Briançon e Avignon, offercerá extraordinarias contradicções; não apresenta menor contraste do que um pinheiro com uma oliveira. Os nossos desenhos, que são todos tirados do natural, farão reconhecer em parte a diversidade da construcção, motivada antes pelo clima do que pelos habitos differentes das duas povoações. O primeiro recorda o typo adoptado em uma parte de Hespanha; e o segundo representa uma das construcções modernas na baixa Borgonha, onde se descobre um tal ou qual luxo que contrasta singularmente com a pobreza da casa que representa a nossa terceira estampa.

#### DESAFIO DO DUQUE DE MEDINA SIDONIA.

Quando D. João-iv, o primeiro monarcha da casa de Bragança, subiu ao throno de Portugal, entre as varias conspirações que se tramavam em roda da sua pessoa para lhe arrancar a vida, não se descuidava elle de trabalhar por sua parte em enfraquecer o poder do rei de Hespanha, e por isso persuadia a seu cunhado o duque de Medina Sidonia, governador da Andalusia, a insurgir-se com o paiz que governava, e declarar-se independente. Um frade a quem se metteria na confidencia do projecto, foi declaral-o ao conde de Olivares, que, parente do duque, e não o querendo comprometter, unicamente fez dar a morte ao marquez de Aiamonte, e induziu

o duque a enviar ao rei de Portugal o seguinte cartel de desafio, em prova de sua innocencia para com Filippe-iv de Hespanha:

«D. Gaspar Affonso Peres de Gusman, duque de Medina Sidonia, marquez, conde, e senhor de S. Lucar de Barrameda, capitão general do mar oceano, e costas da Andalusia, e dos exercitos de Portugal, gentil-homem da camara de S. M. C. a quem Deus guarde:

«Digo que é uma coisa notoria a todos a traição de João de Bragança, outr'ora duque; e saiba-se mais que teve o detestavel intento de manchar de infidelidade a muito leal casa de Gusman, que por tantos seculos se tem conservado fiel, e continuará no futuro em obediencia ao seu rei e senhor, provada por tanto sangue de todos os seus derramado por este motivo. Este tyranno tratou de fazer acreditar aos principes estrangeiros, e aos vagabundos portuguezes do seu bando, afim de os animar em seu favor, e pôr-me mal (baldada tentativa) no animo de meu senhor (que Deus guarde) que eu sou da sua parcialidade; fundando e estabelecendo estas vozes no boato que fez correr, de que se elle podesse conseguir com que o rei de Hespanha duvidasse da minha fidelidade, então não acharia em mim a opposição, que sempre encontra aos seus designios. E para o conseguir, serviu-se de um frade religioso que a corporação de Aiamonte enviou a Castro Marim, em Portugal, para livrar um prisioneiro; o qual religioso sendo levado preso a Lisboa, foi induzido a dizer que eu era do seu partido, e para este fim publicou umas cartas a confirmal-o, dizendo que eu daria livre entrada e favor a todos os exercitos estrangeiros que viessem pelas costas da Andalusia.

«Tudo isto era com o intuito de facilitar a remessa de soccorros, que pedi aos ditos principes estrangeiros; e aprouvera a Deus que assim fosse, porque faria o mundo testemunha do meu zelo e da perda dos seus navios, como o teriam experimentado pelas ordens que expedi, se tal coisa elles tivessem emprehendido.

«Eis alguns dos motivos que tenho de affronta; mas o principal é ser do meu sangue sua mulher, que estando assim corrompido por esta rebellião, eu desejo derramar, sentindo-me obrigado a mostrar ao meu rei e senhor por esta acção o resentimento que tenho, pela satisfação que elle testemunha ter da minha fidelidade, e fazel-o publico para desfazer qualquer duvida que porventura se possa conceber d'aquellas falsas impressões.

«Por todos estes motivos desafio ao sobredito João de Bragança, outro tempo duque, como tendo falseado a fé ao seu Deus e ao seu rei, e chamo-o a combate singular, corpo a corpo, com padrinho, ou sem padrinho; o que deixo á sua escolha, como tambem o genero de armas: a estacada será junto a Valença de Alcantara, no sitio que serve de limite aos dois reinos de Portugal e Castella, onde o esperarei oitenta dias,



a principiar no 1.º de Outubro, e a findar em 19 de Dezembro do corrente anno: nos ultimos vinte dias estarei em pessoa na praça de Valença; e no dia que elle me emprazar, achar-me-hei nos limites dos dois reinos; e este tempo, bem que seja longo, eu o dou ao referido tyranno, para que elle o possa saber, e a maior parte dos reinos da Europa, e ver todo o mundo; com condição de que elle dará carta de seguro aos cavalleiros que lhe enviarei a uma legua dentro do reino de Portugal, como eu a darei tambem áquelles que vierem de sua parte a uma legua dentro de Castella; e prometto convencel-o então da infamia da acção que commetteu. Se elle faltar á obrigação que tem, como gentil-homem, de acceder a este cartel, para acabar com o phantasma pelo unico meio que posso, vendo que não terá o valor de se achar n'este combate, e de me deixar apparecer tal qual sou, e o tem sido os meus no serviço dos seus reis, e pelo contrario os seus sempre traidores; offereço desde já, com permissão de Sua Magestade Catholica (a quem Deus guarde), a quem o matar a minha cidade de S. Lucar de Barrameda, principal séde dos duques de Medina Sidonia, e prostrando-me aos pés da sobredita magestade, imploro que me não dê n'esta occasião o commando dos seus exercitos, por ser precisa uma prudencia e moderação que a minha colera não permite n'esta conjuntura; permittindo-me unicamente servil-o em pessoa com mil cavalleiros meus vassallos, para que apoiando-me então só na minha coragem, não somente sirva á restauração de Portugal, e punição d'este rebelde, mas tambem para que com minha pessoa e tropas, no caso de elle recusar este cartel, eu possa trazer morto ou prisioneiro esse homem aos pés de sua magestade.

«E para nada esquecer que possa provar o meu zelo, offereço a melhor cidade dos meus estados ao primeiro governador ou capitão portuguez que render alguma praça da corôa de Portugal, ainda que pouco importante seja, ao serviço de S. M. C., ficando ainda assim pouco satisfeito de quanto possa fazer pela dita magestade, porque tudo quanto tenho lhe devo, e aos seus gloriosos antepassados.

«Dada em Toledo, a 29 de Setembro de 1641.»

Escusado é dizer que o duque de Medina foi o unico heroe d'esta ridicula comedia inventada por Olivares; porque baldadamente se apresentou no campo para que desafiara, sem lhe apparecer o contendor.

\*\*\*

## ESTUDOS SOBRE A HISTORIA DE FRANÇA.

### OS REIS DA PRIMEIRA RAÇA.

Todas as bellas provincias que constituem hoje o imperio francez, tinham outr'ora o nome de Gallias. Uma nação antiquissima, e cuja origem

se ignora, veiu ahi estabelecer-se, e tinha-se feito famosa muito tempo antes do nascimento de Jesus Christo. Povo guerreiro, os gaulezes não conheciam senão as armas, e mais d'uma vez fizeram tremer os romanos na propria Roma. Mas finalmente, foram obrigados a ceder, como tantas outras nações, ao valor constante d'estes formidaveis conquistadores. Julio Cesar, o maior capitão do seu seculo, submetteu-os, e fez das Gallias uma provincia do imperio de que se apossou.

Mais de quatrocentos annos depois da conquista das Gallias, e reinando o fraco Honorio, filho do grande Theodosio, um povo conhecido pelo nome de francos, encerrado nos estreitos limites da Franconia, paiz d'Alemanha, procurou um estabelecimento mais commodo. Conduzidos pelo rei Pharamond, os francos abandonaram os seus paúes e bosques, passaram o Rheino, e invadiram as Gallias; mas não puderam levar as suas armas além da Gallia belgica, a que chamamos Paizes-Baixos; e Pharamond morreu sem ter conseguido grandes vantagens. Clodion, seu filho, conservou, augmentou mesmo os paizes de que seu pae se apoderara, a despeito do valor do famoso Aetio, que commandava as tropas romanas n'estas regiões. Meroveo, que provavelmente era do sangue dos reis, mas não do ramo reinante, usurpou o throno, e mostrou-se digno d'elle pelas suas virtudes bellicas. Este principe é tido como chefe dos soberanos da primeira raça, que do seu nome são chamados Merovingianos. Deixou a corôa a Childerico I, seu filho, menos conhecido por suas acções, do que por ser pae do grande Clovis, que se deve ter como o primeiro dos reis de França, e fundador da monarchia.

481—493. Clovis tinha apenas quinze annos quando cingiu o diadema, e já mostrava o que seria. Cinco annos depois, desbaratou Syagrio, governador romano da Gallia, e apossou-se de Soissons, que foi por algum tempo a séde da nova monarchia. Pouco satisfeito d'este primeiro triumpho, o joven conquistador vóa de victoria em victoria. Bazin, rei de Turinge, é feito tributario; o paiz entre Somme, o Sena e Aine, submettido; e Reims abre as suas portas pela mediação de S. Remigio, seu bispo.

494. O monarcha francez suspendeu as suas conquistas, para contratar um casamento digno d'elle, desposando Clotilde, sobrinha de Gondoband, rei dos borgonhezes, princeza que, pela sua piedade, foi collocada depois no numero dos santos. Ella exhortou por muito tempo seu esposo a deixar os vãos simulacros do paganismo, para abrir os olhos á luz do Evangelho; e Clovis pendia já para a verdade, quando um acontecimento sem duvida milagroso consummou a sua conversão.

496. Os alemães, povos bellicosos, tinham invadido a Gallia, a exemplo dos francos, seus antigos compatriotas. Clovis soube-o, e correu ao seu encontro. Chegando ás planuras de Tolbiac, proxi-





CASAS NOVAS NA BAIXA BORGONHA.

mo a Colonia, travou o combate. Depois de longa resistencia, os francezes recuam; tudo estava perdido: o monarcha, conhecendo-o, levantou os olhos ao ceo, exclamando: «Deus de Clotilde, tu serás o meu Deus, se me concedes a victoria!» Disse, e tudo mudou. O terror passou para o inimigo: Clovis venceu. Fiel ao seu voto, recebeu o baptismo das mãos de S. Remigio; e tanto os povos como os principes de sangue imitaram a porfia o exemplo. O santo prelado deu-lhe tambem a sagrada unção dos reis, com o oleo que uma pomba, que, segundo a tradição, desceu do ceo durante a augusta cerimonia, trouxera n'uma redoma. Para que nada falte ao prodigio, accrescenta-se que este oleo, que serve ainda á sagração dos reis de França, nunca diminue.

A conversão de Clovis não afrouxou nem a sua ambição nem as suas victorias. Em 498, submetteu o paiz dos armoricos, ou a Bretanha. Em 500, fez a Borgonha tributaria. Em 507, ganhou sobre os visigodos a celebre batalha de *Voglé*, junto a Poitiers, e matou com a propria mão Alarico, rei d'esta nação poderosa. A fama d'esta victoria chegou a Constantinopola; e o imperador Anastacio I enviou ao soberano francez os titulos e insignias de Patricio, Consul, e tambem as de Augusto, que só pertenciam aos imperadores.

509. O principe não foi tão feliz contra Theodorico, rei dos godos. Tendo-o atacado junto a Arles, foi vencido; e, pela vez primeira, viu-se obrigado a pedir a paz. Clovis era feroz; mas a felicidade adoçara-lhe o character. O infortunio fel-o barbaro; e viram-no, até 511, murchar os antigos loiros, e macular a gloria do seu rei-

nado, pelas crueldades que exercia com a maior parte dos principes da sua casa: immolou uns á sua brutal ambição, e invadiu os dominios de outros, de maneira que a sua morte julgou-se um bem. Foi sepultado em Paris, d'onde fizera a capital, na igreja de *Santa Genoveva*. Este principe era grande guerreiro e mau rei. O seu valor foi admirado; o seu humor sanguinario, aborrecido: edificou muitos mosteiros, e despojou muitos desgraçados. Um raço fará conhecer a sua piedade. Lendo-lhe um dia S. Remigio a paixão do Salvador, elle exclamou: «Que não estivesse eu lá com os meus francos para defendel-o!»

511. Depois da morte de Clovis, os seus quatro filhos dividiram os estados. *Thieri I* foi rei d'Austrasia, cuja capital era Metz; *Clodomiro*, d'Orleans; o reino de Paris pertenceu a *Childeberto I*; *Clotario I* teve o de Soissons. A historia d'estes quatro principes apresenta uma serie de guerras suscitadas pela ambição, a vingança e o odio, e um medonho tecido de crueldades ainda mais atrozes do que aquellas de que Clovis lhes dera exemplo. Nunca esquecerá a barbaridade que Childeberto e Clotario praticaram a respeito de tres filhos de Clodomiro, seu irmão, que fôra morto em uma batalha, e cujos estados queriam invadir. Clotilde tinha-se encarregado da educação dos jovens principes; induziram esta virtuosa rainha a enviar-lh'os; e apenas os tiveram em seu poder, Clotario apoderou-se do mais velho, e, lançando-o por terra, apunhalou-o. O segundo, atemorizado, lança-se aos pés de Childeberto, e implora-lhe a vida. Enternecido, o monarcha não pode sustener as lagrimas. Clotario, exprobrando-lhe a fraqueza, arranca-lhe o me-





ESTALAGEM DO LAUTARET NO DELPHINADO.

nino, e degola-o sobre o corpo do irmão. O terceiro teve a fortuna de escapar ao furor d'este príncipe deshumano e desnaturado. Determinou consagrar-se ao serviço de Deus; e hoje invoca-se com o nome de *S. Claudio*.

558. Clotario viu morrer todos os seus irmãos, sendo a monarchia franceza toda reunida sob as suas leis. Mas foi então, no auge do poder, que elle experimentou as maiores amarguras. *Chramne*, o seu filho querido, levanta o estandarte da rebelião, e obriga seu pae e rei a dar-lhe batalha. O novo Absalão é vencido, e queimado com toda a sua familia em uma cabana onde se refugiara. Clotario, depois de tão funesto triumpho, viveu na profunda tristeza, que o precipitou finalmente no tumulo em 562, um anno depois, diz-se que no mesmo dia, e á mesma hora em que tinha ordenado a morte do filho. O seu reinado, que foi de cincoenta e um annos, apresenta só adulterios, incestos, mortes, e horrores.

O reino foi ainda dividido, segundo a má politica d'este tempo, entre os filhos do defuncto monarcha. *Cariberto* foi rei de Paris; *Gontran* d'Orleans e de Borgonha; *Sigeberto* I d'Austrasia; *Chilperico* I de Soissons.

563. Sigeberto atacou e desbaratou os abares que se tinham espalhado pelos seus estados, e veiu reprimir os projectos de Chilperico, que queria invadir as suas mais bellas provincias. Depois esposou Brunehaute, filha de Athanagilde, rei dos visigodos, que passava por ser a mais perfeita princeza do seu seculo.

567. Chilperico, seguindo o exemplo de seu irmão, e abandonando a devassidão, dividiu a corôa com Galsuinda, irmã de Brunehaute. Mas a esposa, tão virtuosa como bella, não lhe pôde fixar o character voluvel; em breve de novo nasceram em seu coração amores illegitimos. Galsuinda queixou-se em uma assemblea dos estados; e a nação obrigou o monarcha a jurar que seria fiel ás sagradas promessas do matrimonio. Al-

guns dias depois, a infeliz rainha foi achada morta na cama. As suspeitas recaíram em Fredegunda, mulher de grande formosura, e de grandissima maldade. Foi isso completamente confirmado, porque esta passou a occupar o logar e o throno da sua rival.

Cariberto não era mais sabio nem mais constante que Chilperico. Repudiou a sua primeira mulher para dar a mão á filha d'um artista. Esta foi substituida pela irmã que se tinha dedicado a Deus. Finalmente, despresou ainda esta ultima, para collocar sobre o primeiro throno do imperio francez a simples filha d'um pastor. Não obstante morreu sem deixar filhos varões, e os reis seus irmãos dividiram entre si os estados.

Continua.

### ILLUSÕES.

«Um homem de merecimento, escreve mr. Droz, que, em nossos tempos borrascosos, esteve vinte mezes preso, me dizia que uma noite sonhou que sua mulher e filhos lhe levavam a liberdade. Este sonho deixou-lhe tão profunda lembrança, tão doce commoção, que elle formou o projecto de o renovar todos os dias. As noites, excitando a imaginação, procurava persuadir-se que era chegado o momento da reunião desejada; representavam-se-lhe os transportes de seus filhos, e de sua mulher; e só de chimeras enchia o espirito, até ao instante em que o somno lhe fazia esquecer tudo.

«O costume, dizia elle, tinha tornado as minhas illusões mais vivas do que se pode julgar: esperava a noite com impaciencia; e a certeza de que o dia acabaria por alguns instantes felizes, me fazia constantemente experimentar não sei que commoção que me distrahia das minhas penas.»





### COMMEMORAÇÃO.

À SAUDOSA E HONRADA MEMORIA DO SENHOR  
ANDRÉ JOAQUIM RAMALHO E SOUSA.

Correi lagrimas sentidas,  
Que o peito não dá mentidas,  
Onde hoje moram unidas,  
Em modelo, sem igual

Sciencia, honra, virtude.  
Ao som do triste alaude,  
Casae-vos n'esse ataude,  
Sobre a loisa sepulchral,

Que os restos mortaes abriga,  
De quem, na vital fadiga,  
Brilhante metal, sem liga,  
Constante no valor seu;

Jámais, em sua alma rara,  
A dôr do remorso entrara.  
É que Deus, quando a creara,  
Foi para si, para o ceo!

Oh que foi! — nem d'outra sorte,  
Como luz, que aponta o norte,  
Que affrontando a lei da morte,  
Sempre immutavel ficou:

Se foge á culpa nociva,  
Mas que bella, que attractiva,  
A fraqueza nos captiva,  
E a d'elle não capturou.

Não, que d'honra era evangelho,  
Aquelle peito era espelho,  
Onde, a luz do bom conselho  
Fulgurava, sem senão.

Como dia, que amanhece  
Puro, e puro assim fenecce;  
Que respirando parece  
No sopro da viração.

Como da donzella pura,  
O — que Deus, na desventura,  
Concedeu — diz a Escriptura —  
Casto leite virginal.

Deus, n'aquelle peito honrado,  
Cá na terra consagrado,  
Tinha culto, não manchado,  
Tinha culto, sem rival.

Oh! quem pudera inda vel-o,  
A um tempo, nobre, singelo,  
Esse character modelo  
Da verdade, e da razão.

Verdade, que noite e dia,  
N'aquelle peito vivia;  
Thebano, que não mentia,  
Nem mesmo zombando — não.

D'agudo ver, alta a fronte,  
Ar composto, o gesto insonte;  
Semelhava, nobre Archonte  
A Athenas dictando a lei.

Mas, um sorriso fagueiro  
De seus labios companheiro,  
Dizia-o — pae verdadeiro  
Contemplando a tenra gri.

Desculpa dando ao inimigo,  
Recto juiz para o amigo,  
Juiz severo comsigo. . . .  
Oh quem mais foi — quem foi tal!

— Esse dominio de ferro  
Em que, o ser livre era erro,  
Evita: soffre o desterro  
Longe da terra natal.

A dura sorte quinhoa  
Do mais somenos. Eis soa  
Imp'rial grito revoa:  
= Vae ser livre o portuguez. =

Punge-o da patria a saudade,  
Nem se faz cargo da idade;  
Do guião da liberdade  
Segue a victoria, o révez.

Volta, combate, chega.  
Do trabalho não socega;  
Na privação, ou refrega,  
Sobreleval-o não ha.

Triumpho. — Mesquinho int'resse  
O vencedor não esquece,  
Estranha terra — parece  
Conquistara — alguém dirá.

Que, das rendas, que improvisa,  
Já com ellas s'indemnisa,  
E a victoria solemnisa,  
Da patria o libertador!



Aquelle não: ao contrario;  
Da liberdade sacrario;  
Seu nobre depositario,  
Que se paga só d'amor;

Passados lucros rejeita;  
Novo Castro, nem aceita  
O que por lei lhe aproveita;  
= Que — se a patria é livre = diz:

= Cumprido está meu intento.  
Não por outro pensamento,  
A vida expuz vezes cento;  
Que o bem da patria só quiz. =

Digno exemplo de memoria,  
Na lusa, moderna historia.  
Quaes, n'esses tempos de gloria,  
Sohiam d'acontecer.

Nem mais recta consciencia,  
Por entre vasta sciencia;  
— Qual no aroma activá essencia —  
Adornara humano ser!

Qual divina luz serena,  
Que, s'espalha em cada scena,  
E uma agreste, aquella amena,  
Seu valor justo lhe dá.

— De facil, polido trato,  
Um dizer, a todos grato. . . .  
Pintor, para tal retrato,  
Oh não o houve — nem ha.

Não ha; — que n'esse modelo,  
Do nobre ideal o sello,  
Só pudera descrevel-o  
Divina phrase — outra não.

De virtude, esse portento,  
Eu descrever não intento.  
Outro foi meu pensamento. . . .  
Foi dar tregoa ao coração,

Allivio á dôr, que sentia;  
Que, parece, não cabia  
No peito, — se a não dizia;  
Tão grande, tamanha dôr.

Dôr do mestre esclarecido,  
Dôr do amigo, não mentido,  
Que mais, que tudo me ha sido  
D'Walter Scott o traductor. . . .

Foi, mostrar a divindade  
Nos fastos da humanidade. . . .  
Para o mundo, uma sanidade,  
Para meus filhos, — lição.

— Minhas lagrimas — bem vindas!  
Sois, quaes estrellas infindas,  
Que brilham no ceo, mais lindas,  
Ao passar da cerração.

Oh! correi. . . . — singelo preto,  
Mais do que elle, nenhum val;  
Que não é por homens feito,  
E o de Deus não tem equal.

Mafra, Junho 57.

JOAQUIM DA COSTA CASCAES.

## O DINHEIRO.

Fallas-me de dinheiro, coisa tão incerta! Se julgas que o teu deve sempre ser teu, guarda-o para ti, se o unico possuidor d'elle; mas se não te pertence, se pertence á fortuna, por que não queres repartil-o? Quem sabe? talvez que a fortuna t'o arrebate em um bello dia para o dar a outro que d'elle seja indigno. Assim, aconselho-te a que lhe dês nobre emprego em quanto é teu — socorrer os desgraçados, e enriquecer quanto fôr possível os teus amigos. Um semelhante procedimento far-te-ha honra immortal; e no caso de caíres em desgraça, podes ter a certeza de ser soccorrido. As sommas que se despendem utilmente são applicadas melhor do que as que se guardam.

## SENTENÇA.

Na adversidade, não desesperéis nunca de ver um sorriso da fortuna dissipar-vos os desgostos.

Quantas vezes, com effeito, o sopro de ventos empestados tem cessado diante do doce sussurrar da brisa! Quantas vezes formidaveis nuvens se tem dispersado antes de descarregarem as chuvas contidas em si!

Sêde pois pacificos na adversidade: o tempo é o pae dos milagres.

Esperae da misericordia de Deus bens cujo numero não sabereis contar.

## RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

XCVII

Do desgraçado liceneado Domingos Pinheiro, que servia de juiz ordinario e desembargador.

Este liceneado Domingos Pinheiro era natural d'esta cidade de Angra, e muito apparentado nella, e era bom lettrado, e casado com uma mulher honrada, de bons parentes, natural de Lisboa. Advogava nesta cidade, na correição destas ilhas. Era homem muito grave, e muito dado ao serviço do sr. D. Antonio, e por ser muito do seu serviço foi feito juiz ordinario e desembargador; e elle e os mais tinham sentenciado homens á morte. Tanto que se entrou a terra determinou elle de fugir; e vinham na ar-



mada tresentos ou quatrocentos portuguezes soldados naturaes de Lisboa com seu capitão por aventureiros; vinham alguns parentes da mulher do ditto licenciado, entre estes e conhecidos. Deu-lhes a mulher a saber o perigo da vida de seu marido, se fosse tomado, porque se não apresentou nos tres dias por estar no logar dos Altares, e não poder vir, que remedio teria para escapar. Deram-lhe elles bom remedio, que foi peor. Mandaram que rapasse a barba e bigodes á navalha, e que cobrisse um manto, e se viesse em trajos de mulher, e que como passasse em trajos de mulher pelas guardas, e fosse embarcado, que seguro estava. Fel-o assim o desgraçado licenciado; e costumavam pelas guardas passarem para baixo, e para cima muitas castelhanas e tudescas que vinham com seus maridos. Vestiu-se o ditto licenciado com manto e beutilha: costumavam os soldados das guardas retouçarem com as castelhanas, e pegarem nellas, e em outras não. Foi-se elle após umas que iam deante: como elle era homem, logo nos trajos de mulher ia pejado. Cuidaram os da guarda que era castelhana; pegaram nella dizendo: *Não podeis andar; hei vos de ver a cara.* O pobre letrado não queria isso; deu ao andar depressa; escapolindo-lhes da mão, e da zombaria. Caio-lhe o manto para traz; para o concertar viram-lhe a mão grossa e conhecida por ser de homem: foram-lhe descobrir o rosto; viram-no todo rapado: tiveram-no mão: não havia ali que peitar, porque era em publico, e assim o tomaram e o levaram ante o auditor geral. Mandou-o logo metter na cadeia, e que se perguntasse quem era. Foi o desgraçado para a cadeia; havia pouco que fazer no saber quem era. D'ahi a dois dias o enforcaram ao longo da cadeia, com barba e bigode tudo rapado; e na forza esteve té o outro dia, que foi enterrado como os mais.

## XCVIII.

De como o marquez ordenou de se ir, e a gente que deixou de presidio, e a que levou na armada fora da terra, e de como mandou açoutar alguns homens

Antes que o marquez determinasse de se embarcar, mas aviava-se com a armada, estava preso um Thomé Gomes, homem nobre e cidadão, e era capitão de uma freguezia. E assim estava preso um Antonio Gomes, que era meirinho das execuções; a estes homens não se lhes achou culpa grave, somente serem muito do serviço do senhor D. Antonio; os mandaram açoutar pelas ruas publicas; e sendo um delles homem velho e muito honrado se teve lastima muito grande, e seus filhos e parentes o sentiram muito, e o ditto Thomé Gomes foi desterrado, e de nojo durou pouco tempo e morreu. Fizeram embarcar para fóra desta ilha muitos, e alguns não tornaram mais: a saber Simão Gonçalves de Tavora, capitão; Fernão Feyo, capitão; Diogo de Lemos de Faria, capitão; André Gonçalves Madruga, capitão; Alvaro Pires Ramires, capitão;

Sebastião do Couto, capitão; Miguel do Canto, capitão; Francisco Dias Santiago, capitão dos oitenta; Lourenço de Moraes, Balthazar Gonçalves, Simão Gonçalves, Bartholomeu Gonçalves, Simão Gonçalves, Francisco Fernandes, Antonio Mate-la, Gonçalo Ennes, Braz Rodrigues, Antonio Alvares, Diogo Pires, Gaspar Ribeiro, o capitão Braz Dias Redovalho, e outros muitos. E deixou o marquez dois mil soldados de presidio nesta ilha, e por mestre de campo e governador João d'Orbina; e os capitães eram um sobrinho do marquez por nome D. Pedro, e o capitão Pedro Ximenes de Andrea, o capitão Antonio da Rocha, e o capitão Francisco de Veja, o capitão Martin de Aveira, e o capitão Soares, e o capitão D. Christovam, o capitão D. Antonio, e o capitão Angel, o capitão Christovam de Pax, o capitão Aroseo, o capitão Garailaco de la Veiga, e a companhia de João d'Orbina, e outros, que não lembram, e por sargento-mór Lopo Toxada, e assim o capitão Rosa, o capitão Manuel Gaspar, e o capitão Pacheco; e deixou escrivão e auditor, e seu meirinho; e se foi com a armada; ficando a ilha saqueada, e os homens pobres e destruidos, e outros que não tinham nada melhorados, e muita gente despida, sem terem em que dormir.

## XCIX

Do que fez João d'Orbina depois que se foi o marquez, e o corregedor e outros.

Depois de embarcado o marquez de Santa Cruz e ido desta ilha, ficou por corregedor Christovam Soares de Albergaria, que tinha sido juiz de fora em S. Miguel. E depois de ido o marquez prenderam o capitão Trigueiros, homem mancebo e muito galhardo, que tinha vindo em companhia do senhor D. Antonio, e não se tinha apresentado dentro nos tres dias que deu o marquez, porque alguns se não quizeram confiar do pregão, mas o marquez o cumpriu da maneira que o mandou botar. Este capitão estando na cadeia, tomou João de Orbina, mestre de campo e governador, por adjunto o ditto corregedor, e Jorge Vaz Paes, e Heitor Coronel, bachareis, e Antonio Francisco, e o bacharel Roque Dias, e Alvaro Pereira, e sentencaram todos sete que morresse. E sem appellação, nem poderem ter tal alçada, nem el-rei tal lhe dar, nem conceder, logo o mandaram confessar ao ditto capitão Trigueiros, e o mandaram enforcar ao longo da cadeia, em uma forza que tinham feito; de que houve assás lastima e pena, sendo já a ilha entrada, e quieta, e tudo pacifico e as ilhas todas, e o marquez ido, e não haver outra culpa mais que aquella por se não vir apresentar dentro nos tres dias. E dizem que era homem fidalgo, e o poderam mandar degolar.

Continua.

A felicidade é como as aves de arribação, se nos visita, breve se ausenta.